

A SEMANA

Publica-se aos Sabbados

POR TRIMESTRE :

NUMERO AVULSO

Dentro e fóra da capital:
23000 rs.

DIRECTOR — VALENTIM MAGALHÃES

Do dia 100 rs.; atrasado
200 rs.

REDACÇÃO E GÉRENCIA — TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO

Não se restituem originaes, embora não publicados.

A redacção d'A SEMANA felicita e saúda o eminente cidadão
JOAQUIM NABUCO

SUMMARIO

Historia dos sete dias — Industria Nacional — Mãe cabocla; *Lucio de Mendonça* — Canção de um romantico; *Julio Valmor* — Correio geral — Algumas definições; *Frei Antonio* — Quandoque bonus... — Bolos, *Chico Ferula* — In her boock, soneto; *Luiz Delfino* — Mattos, Malta ou Matta? Novas revelações — Facto grave — Poesia e poetas; *Udo* — Theatros — A resposta do Destino, soneto; *F. de Almeida* — Recebemos — Tratos á bola, *D. Pastel* — Annuncios especiaes — Correio — Annuncios.

A SEMANA

Rio, 31 de janeiro de 1885.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Não ha fome que não traga fartura, graças a Deus.

E' a velha e sempre verdadeira historia do sonho de Pharaó.

Após as sete vacas magras, as sete vacas gordissimas e nédias.

Em seguida aos sete magros e mesquinhos dias que historiámos no sabado passado, os sete rubicundos e obesos dias que vamos historiar.

Mãos á obra, portanto, que temos muito a fazer.

24 — O *Jornal do Commercio* publicou no primeiro logar da sua *Gazetilha* o seguinte:

« Ministerio. — Pedem-nos declaremos que é inteiramente destituida de fundamento a noticia de haver sido manifestado pelo Sr. ministro do imperio ou por qualquer outro membro do gabinete o desejo de retirar-se do ministerio. »

Folgamos de saber que nenhum dos illustres membros do ministerio deseja desabracar-se da pasta. Ainda bem. Se fosse possivel esperar uma resposta do *Jornal* perguntar-lhe-hiamos nui respectosamente: « Qual o sujeito occulto d'aquelle pedem? » Quem foi que lhe pediu fizesse tão importante declaração?

Os filhos da Candinha, naturalmente. Pois não seria mais bonito, mais serio e mais natural que o nosso circumspeto collega dissesse logo, sem mais aquellas: « Pedem-nos os membros do Gabinete, declaremos etc. »

Provavelmente não o fez para não desprestigiar o *Diario Official*, pois que existindo elle não precisam os ministros de andar pedindo declarações aos órgãos simplesmente offici... ósos.

Hade ser isso. Que l'ho agradeça o *Diario*.

— Annunciam as folhas haver sido prezo na vespera um individuo por estar appregoando e vendendo um pasquim insultuoso á moral. Só teria a policia visto esse unico vendedor de pasquins? Pois olhe: — ha quem tenha visto e veja por ahi não um mas muitos vendedores de *Carbo...arios*. Fogo nelles, sr. chefe!

— Foi nomeado senador do imperio pela provincia de Sergipe o Sr. barão da Estancia.

— Continua pelos a pedidos do *Jornal* o tremebundo duello a osso entre o Dr. Pedro Affonso e os membros da commissão nomeada pela academia de medicina para desembrulhar o caso Malta. Quanto mais se degladiam os sabios doutores, mais negras se condensam as trevas em que anda embrulhada essa interminavel questão, cada vez menos intelligivel e mais *cacete*.

25 — Chega á capital do imperio o denodado abolicionista Dr. Joaquim Nabuco, de volta da provincia de Pernambuco, em cujo 1º districto eleitoral alcançou brilhantissima victoria. A recepção feita ao illustre compatriota foi de todo ponto digna d'elle. Cerca de quatro mil pessoas foram ao seu desembarque; e ás 10 horas da manhã o imponentissimo prestito, com grande custo organizado, desfilou pela rua Primeiro de Março com musica, estandartes, foguetes e vivas. Ao passar pela rua do Ouvidor, foi o Dr. Nabuco saudado por todas as folhas, das janellas das respectivas redacções. Os Srs. Quintino Bocayuva, José do Patrocinio, Angelo Agostini, Henrique Alves de Carvalho e outros cidadãos conhecidos saudaram entusiasticamente o Dr. Nabuco, que a todos respondeu em magnificos discursos. Em summa: brilhantissima festa popular. Sómente *A Semana* não pode saudar das suas janellas o glorioso do dia porque não mora na rua do Ouvidor. Mas é o mesmo. Não de uma das janellas, como fez *O Paiz*, mas do alto da sua primeira columna, *A Semana* felicita hoje o Dr. Joaquim Nabuco, o illustre cidadão a quem principalmente se deve a victoria do abolicionismo no Brazil.

— O folhetinista domingueiro do *Jornal do Commercio*, o conhecido microcosmographo C. de L. impugna valentemente a pernicioso innovação grammatical que o Dr. Castro Lopes, illustre medico-philologo-economista-latinista-poeta-comediographo-ex-candidato-quiz introduzir na lingua, com o auxilio de outro grammatico importante, o Sr. Rozario.

Dizem esses dous senhores quo a expressão *Mando acordar elles*, longe de ser horroroso e grosseiro solecismo — é expressão correctá e boa, escoreita de qualquer pécha.

C. de L., com aquella fina graça que distingue a sua amestrada penna, propõe e requer, mais por espirito de equidade do que pelo de philologia, que se estenda a toda a classe dos pronomes a innovação pasmosa, ora introduzida pelo Dr. Castro Lopes para os da 3ª pessoa. E, que assim como é licito dizer-se: — *acordar elles*, — se diga igualmente d'hoje em diante: *Elle vio tu; fallar com eu, com tu, com nós; fui visitar-lhe, abraçar-lhe etc.* Nós tambem achamos justo. Afinal de contas isto de fallar a gente como quer a grammatica e não como nos dá na vontade é uma espiga! Abaixo a grammatica! Quem pode *amar ella?* Conclua, pois, o Dr. Lopes a sua obra bemfazeja escrevendo e dando a lume um livro com o titulo: *A grammatica não governa nem dirige a lingua*. Esperamos *elle*.

— Em um quarto de sordida estalagem é encontrado quasi morto de fraqueza, resultante da fome, um tal Santos Pesca, avarento ignobil, que não comia para não gastar dinheiro e poder dal-o a premio.

Levado, quasi morto, para uma casa de saúde, entrou a policia no domicilio de Pesca e dando-lhe caça em todos os cantos e recantos veiu a encontrar uma letra do Banco do Brasil, ao portador, no valor de 14:0249000, alem de 4283000 em papel moeda e moedas em papel; o que foi tudo arrecadado. Nauseabundo Syllock! Harpagon de cortiço! Goriot de estalagem! Este Pesca, afinal, é uma besta. Suicida-se á fome para não gastar dinheiro! Pensaria elle que podia levar-o para o outro mundo? E' o caso de se dizer, invertendo o conhecido proloquio: — « quanto mais burro mais peixe, » — quanto mais *peixe*, mais burro.

Ou mellhor: — « quanto mais *peixe*, mais *Pesca*. »

26 — Continua o suicidio em moda. Mais dois, n'um só dia, um a fogo, outro a agua. O primeiro foi o de Decio da Costa Machado, caixeiro da papellaria de Elezbão & Figueiredo. Era muito moço. Atribue-se esse inesperado tiro de revolver sobre o coração a um funesto amor, não correspondido talvez, talvez mesmo ignorado por aquella que o inspirou. O outro suicidio foi o de Presciliana Rosa da Conceição, moradora no Campo Grande. Deu cabo da vida atirando-se a um poço. Atribue-se esse acto de desespero tambem a uma paixão amorosa. Cego e implacavel Amor!

— Na freguezia do Engenho Novo é preso um desordeiro muito conhecido pela alcunha — *Treme Terra*. Como sabe o leitor, é tambem este o nome por que se dá a conhecer o proprietario da « Li-

varia do Povo.» que semanalmente annuncia «livros baratissimos.»

Naturalmente o honrado e popular livreiro ha de vir qualquer destes dias declarar pela imprensa que tal facto não se deve entender com elle, mas sim com outro de igual nome, e que, para evitar novas confusões, passará a assignar-se, por exemplo :—*Agua treme; ou Abala Terra.*

—A commissão nomeada pelo senador Jaguaribe para estudar os ossos do supposto cadaver de Castro Malta, fez entrega ao mesmo juiz do seu parecer, que é extensissimo. Conclue por declarar que acredita ser esse o cadaver de Castro Malta, autopsiado no dia 23 de Dezembro ultimo. Reconheceu tambem «no humero direito, no terço superior da diaphyse, signaes positivos que indicam ter sido aquelle osso sede de uma fractura antiga.»

Está portanto acabada a questão:—o cadaver é de Castro Malta. Fallou a sciencia. Curvemo-nos ao seu poder infallivel. As pessoas que compõem a commissão estão acima de toda a suspeita. São cidadãos distinctissimos, de illibada reputação, dignos de todo o respeito. Além d'isso, o seu parecer é notabilissimo. Revela extraordinario e meticulosissimo trabalho, grande escrupulo, extrema prudencia, illustração vastissima e grande talento. É um documento que honra os illustres médicos. Aceitemos, pois, o seu lado:

O cadaver autopsiado a 23 de dezembro é o de João Alves de Castro Malta.

Mas a que enfermidade succumbiu elle?

A uma eongestão hepatica?

Não—porque a autopsia veiu provar que foi uma pleurisia dupla suppurada a causa da sua morte.

Mas tambem não podia ter sido esta a verdadeira enfermidade, não só porque ficou liquido que um individuo affectado por ella não pôde nos oito dias anteriores á morte abandonar o leito, como porque a illustre commissão de peritos deixou provado que não havia elementos para tal diagnostico.

Então de que morreu Castro Malta?

Não foi de pancadaria, não foi de eongestão hepatica, não foi de pleuriz duplo suppurado. De que diabo seria?

Ainda mais outra complicação obscurecedora:

O parecer deixou claro como agua do pote que a sepultura foi violada; o que não era, aliás, novidade para ninguem.

Mas foi violada «— para que? Com que fim? Por quem? Quando?» — perguntaremos com a *Gazeta de Noticias*.

O caso cada vez mais se entenebrece e complica. Trévas, trévas, trévas! É de esperar que o inquerito a que está procedendo o Dr. 2º delegado venha emmanranhar e obscurecer muito mais ainda esta obscurissima e atrapalhadissima questão.

Valha-nos Nossa Senhora... das Canceias!

27 — Fallece na casa de saúde de S. Sebastião o desgraçado Santos Pesea.

Tendo verificado a auctoridade, pelo restamento, que elle não deixou herdeiros presentes conhecidos, remetteu os ditos valores ao juiz de ausentes.

Esse miseravel trabalhou como uma besta de carga toda a sua vida, soffreu todas as miserias, morreu á fome para não gastar um ceutil dos seus 15:000\$000; e, afinal, são elles recolhidos pelo juiz dos ausentes; vão engordar o erario publico! Estupida eousa—a avareza!

— A's II horas da manhã, falleceu repentinamente na rua da Quitanda

n. 109 A. de uma eongestão cerebral, o negociante Francisco da Cunha Madeira. Era casado e tinha 47 annos de idade.

28 — A commissão da Aeademia de Medicina, encarregada de estudar o caso Malta e tiral-o limpo publica no *Jornal* um artigo, sob o titulo *Tiro de honra*, em que diz uma porção de eousas que ninguem entende. Que opacidade, meu Deus!

O Sr. Dr. Pedro Affonso deve a estas horas estar-se lavando em agua de rosas.

Esperemos, entretanto, o tal *Tiro de honra*, annunciado pela commissão para depois de publicado o parecer, pois que este já o foi, na sua integra, pel' *O Paiz*.

Devemos esperar, para honra do tiro, que não falhe o *tiro de honra*.

29 — Recebe sea noticia de que na Parahyba obtiveram diploma ambos os candidatos pelo 3º districto. Outro tanto aconteceu no Rio de Janeiro com os candidatos pelo 9º districto — Franca Carvalho e Pereira da Silva—; ambos estão diplomados.

Afinal, não ha duvida, em vez de 125, vamos ter 250 deputados eleitos.

Que pandega!

E que bandalheira!

INDUSTRIA NACIONAL

FABRICA DO RINK

A convite dos Srs. Glette e Max. Nothmann, gerente da grande fabrica de tecidos que funciona na rua do Costa, no local onde existiu o Rink, fomos no dia 26 do corrente assistir á festa industrial e exposição dos productos da mesma fabrica.

Notámos um eseeolhido numero de convidados. Entre estes os Exms. Srs. presidente do conselho, consul da Hollanda, coronel Ayres Aneora, commendador Diego dos Santos, presidente da Associação Industrial do Brazil e outros, que seria longo ennumerar.

A *Gazeta de Noticias*, *Paiz*, *Folha Nova*, *Diario do Brazil* e esta folha compareceram nas pessoas de seus representantes.

Conta a fabrica actualmente, no pavimento superior 48 teares e no terreo 150, proprios para algodão, lã e linho.

Além d'esses, possui outros appparelhos, como sejam: escovas mecanicas, dobradura de carretes, engomadeiras, ealhandra de setinagem, etc., etc.

Estão encarregados do serviço 400 operarios; entre esses um numero, não pequeno, de meninos e mulheres.

O Sr. Glette acompanhou S. Ex. o Sr. presidente do conselho e mais convidados, na visita feita á sua fabrica, orientando a todos sobre tudo que diz respeito a este ramo de industria. A 1 hora começaram a funcionar as machinas, onde eram produzidos diversos tecidos de lã, algodão, etc.

A's 3 horas, pouco mais ou menos, foi servido, em compartimento especial, um variadissimo *lunch*.

Por essa occasião diversos brlndes foram feitos. Destacamos os seguintes:

Do Sr. Glette, expondo as difficuldades que se tem apresentado ao progresso e

desenvolvimento de sua fabrica; lembrando a opposição que lhe é feita pela tarifa aduaneira e pedindo a S. Ex. o Sr. presidente do conselho, toda a protecção possivel.

De S. Ex. o Sr. presidente do conselho, que, respondendo ao do Sr. Glette, prometteu auxilial-o e ao mesmo tempo te-eu-lhe louvores por sua intelligencia e incontestavel actividade.

O do Sr. Palm brindando como cidadão o Sr. conselheiro Dantas.

E o do Sr. Paula Ney, representante do *Diario do Brazil*, em agradecimento ao brinde que fôra levantado á imprensa.

O *Jornal do Commercio* não compareceu.

A's 5 horas e meia terminou a festa com o brinde de honra erguido a S. M. o Imperador por S. Ex. o Sr. presidente do conselho.

Foi uma verdadeira festa de trabalho, de intelligencia e de progresso, que honra sobremaneira os dignos directores d'esta fabrica, que bem merece toda a protecção do governo do nosso paiz.

Que S. Ex. o Sr. conselheiro Dantas realise o que disse no seu brinde é o que francamente desejamos, em bem da fabrica do Rink e da industria nacional.

MÃE CABOCLA

I

Pelos fins do anno de 1863, ao pino de um meio-dia abrazador, ouviam-se pelas ruas quasi desertas da pobre povoação de X., em Minas, uns gritos descompasados. A uma esquina do largo da Matriz o caixeiro da botica chegou á porta, dobrando pausadamente, ás pequenas dobras, com os dedos amestrados no officio, a carapuça de um frasco, em papel de xadrezinho azul ferrete. Duas caras pallidas de lojistas em ehinellos vieram ás portas entrefechadas por causa do calor excessivo. Que alvoroço!

— Que bebado é esse? perguntou de dentro da botica, para o caixeiro, o velho pharmaceutico, entrepinando com o eopo dos dados suspenso, sobre o taboleiro do gamão, a que se batia com o vigario; impacientado, este, pela interrupção, que o vinha apanhar de máu humor, com tres pedras expostas!

— É' uma mulher, que eu não conheço; respondeu, voltando, o rapazinho.

Uma velha, a sinh'Anna dos gatos, assomou, sorrateira, á sua empannada encardida.

E no largo continuavam os clamores incessantes, uivados, a perturbar o silencio dormente do logarejo.

Afinal, mais por amor da partida em tão má hora suspensa, determinou-se o vigario a chegar á porta. Era um velhinho secco e teso, de sobranceiras espetadas, beiços finos e sorvidos, olhos pequeninos e sornas. Vestia uma batina surrada e curta, abaixo da qual appareciam as pernas das calças, de algodão mineiro, ás listras amarellas.

Quando o vigario olhou para o largo, viu, defronte do grande sobrado, todo fechado n'esse instante, do commendador João Caneio, uma estranha figura de cabloca, alta, magra, a estoreer-se como uma jararaca no fogo, desmanchando-se em gestos epilepticos, com o punho secco

estendido para o casarão silencioso, a ulular:

— Justiça do céu! justiça de Deus! este perverso deshonrou minha filha! Justiça de Deus te persiga, cão damnado! Gente pobre nesta terra é cachorro; não acha lei! não acha auctoridade! Mas eu hei de gritar, até Deus me ouvir, que deshonraram minha filha! minha filha que estava pr'a casar! Eu vi! vi, com os meus olhos, a coitadinha sahir ehorando do quarto d'este commendador do inferno, que deshonrou minha filha! Justiça de Deus me valha! justiça do céu!

E repetia a mesma phrase com uma insistencia monomaniaca, e contorsia-se de dôr desesperada, espumava de odio impotente, contando, entre uivos de imprecacões, o escandaloso caso do estupro de sua filha, da sua Joanninha, que estava pr'a casar, que viera ao arraial, chamada pela madrinha, a mulher do commendador, e que este a arrastára á força para o quarto, onde a violentára; enquanto ella, a mãe, enganada, esperava á porta da rua, até que aos lamentos da victima, subiu como doida as escadas e veio receber nos braços a pobresinha já perdida. Então, o commendador a enotára a pontapés e mandára levar a filha para a roça, por um escravo.

—E era seu padrinho d'ella! continuava a cabocla; baptisou a minha Joanninha á vista de Deus, p'ragora atirar com ella no mundo! Este assassino! este diabo do inferno! Deus ha de me vingar, demonio! A justiça do céu ha de me vingar algum dia!...

E aquella dor inculta, aquella paixão bruta e grande trazia-lhe á bocca tremula os êstos do coração revolto. Eram rugidos terriveis, de leão, de mãe!

Então, o vigario, vendo que era como compadre João Cancio, o commendador chefe do partido conservador na freguezia, chamou pelo Anacleto, um mulatão membrudo, que o acompanhava sempre, como guarda-costas, para as suas brejeirices de velho. O Anacleto acudiu da cosinha, onde estava a conversar maroteira com uma creoula da casa, que era, sabidamente, rapariga do vigario—e mais d'elle.

Desde que o vio perto, o padre Luiz, o vigario, intimou-lhe no tom peremptorio de quem manda uma vez só:

—Toque até fóra do arraial aquella bruxa! e se ainda fôr abrindo a bocca pela rua, parta-lhe a cabeça ao meio! Cachorra!

Anacleto bamboleou o corpo vigoroso de cão-de-fila bem tratado, e a passo gingado, arrastando pelas pedras o grosso mangoal de peroba, chegou-se á cabocla e poz-lhe a mão ao hombro:

—Mareie! e não me abra o bico, que lhe racho esse caco velho!

A velha estremeceu toda, encolheu-se como um bicho tímido; a furia, a dor enorme, a vergonha, o desespero de mãe fundiram-se n'um medo vil, que rebentou em choro.

O Anacleto agarrou-a pelo braço magro e a foi puchando, sacudida de soluços, mas já sem palavra que se ouvisse.

II

Dali a dous dias, enterrava-se no cemiterio de X. o cadaver da Joanninha, que appareceu morta em casa, sem se saber como, dizendo uns que fóra a propria mãe que a matára, por causa de ter cedido ao commendador, e murmurando outros que fóra este que mandara acabar com ella, para pôr um termo ao fallatorio de certa gentinha. Isto é mais provavel, porque nunca se soube ao certo, nem tractou de saber.

O que é verdade é que do lado esquerdo do rustico cemiterio levantou-se mais uma cruz de pau, e debaixo della começou a apodrecer o corpo de Joanninha.

III

Era outra vez um fim de anno, no mesmo largo da matriz do arraial mineiro. O sol canicular, que alli dardeja nos intervallos das grandes chuvas, queimava as calçadas da rua.

Passava pouco do meio-dia. A' porta do sobrado do commendador João Cancio reuniam-se grupos consternados, e lá de dentro e de cima ouviam-se gemidos de ehor.

Em frente da matriz, ao pé do cruzeiro, secava ainda ao sol uma pôça de sangue; alli fóra que minutos antes, um rapazinho do logar, o Zé Miguel, um bom aprendiz de selleiro matára o commendador João Cancio com duas facadas no peito.

Zé Miguel teria vinte annos: era orpham, afilhado e protegido do Lima, um cobrador do Rio, que costumava apparecer em X. onde mal o supportavam por que era um desbragado com o vigario e com o commendador, a quem dizia todas as liberdades. Ora o diabo do maluco, do herege do Lima, como diziam d'elle, gostára do Zé Miguel inda menino, por achal-o vivo e malcriado, (que é a fórma apreciavel da independencia dos pequenos), como dizia o Lima, edera a mão ao rapaz, metter-o na escola e, depois, de aprendiz de selleiro, e ainda uns dous mezes antes tractara um bom casamento para elle, com uma tal Amelia, filha de uns pequenos lavradores de perto do arraial. Mas succedeu que o commendador engraçou tambem com a Amelia, e attrahiu-a ao sobrado, e o fim das contas foi o Zé Miguel metter-lhe no buxo as duas facadas.

Zé Miguel está preso na cadeia do logar, muito maltratado da bordeira que pelas ruas foi apanhando da gente do commendador e do vigario. D'ahi a um mez entrou em julgamento do jury e foi endemnado á pena capital.

IV

No outro dia, grande concurso de povo foi acompanhar ao cemiterio o corpo do commendador João Cancio.

Houve acompanhamento de musica, e junto á cova o vigario, com tremulos dramaticos na voz, celebrou as virtudes d'aquelle seu bem amado parochiano, pae da pobreza... amigo do seu amigo... e a quem X. devia... a fortuna de possuir uma igreja... com duas torres tão... tão...

Como o qualificativo estava rebelde e o sol quente:

—Magnificas, assoprou o sachristão.

—... bem acabadas! concluiu o orador sagrado, achando, emfim.

Quando já vinham sahindo do lugubre recinto, notou um, mais bisbilhoteiro, uma estranha bandeirola vermelha, de um vermelho escuro e manchado, sobre uma cova antiga, do lado esquerdo do cemiterio.

—Que diabo de cousa é aquella?

Foram uns tres ou quatro ver. Era, enrolado a s braços da cruz da sepultura, um lenço embebido em sangue já secco.

Ninguém comprehendeu desde logo; mas, com o contar e recontar, chegou o caso aos ouvidos da sinh'Anna dos gatos, e esta soube explicar que, na vespera, dia em que ella não arredara de ao pé da empannada, pouco depois da desgraça, tinha visto uma cabocla velha,

alta, muito magra, agachar-se no largo, perto da poça do sangue do commendador, e molhar nelle um lenço, o qual depois tornara a metter no seio. Era, provavelmente, o mesmo lenço.

Provavelmente.

Minas, 1885.

LUCIO DE MENDONÇA.

Canção de um romantico

Tem no rosto a belleza peregrina,
— E do seio um perfume se lhe evola.
Como a essencia da urna alabastrina —
Pepa, a hespanhola.

Das faces na brancura assetinada
Abrem as rosas a gentil corolla:
Possue na voz os cantos da alvorada
Pepa, a hespanhola.

E tem as formas da esculptura grega,
E os requebros suaves da *manôla*.
No olhar o brilho que deslumbra e cega,
Pepa, a hespanhola.

Quando eu dormir na eterna noite escura,
Quero embalar-me aos sons de uma viola;
Que cante sobre a minha sepultura
Pepa, a hespanhola...

JULIO VALMOR.

O CORREIO GERAL

O edificio, onde funciona esta importante repartição publica, pôde ser tudo, menos obra de arte accomodada ás exigencias necessarias a tal ramo de serviço publico.

Aquelle caixão postado na rua Direita é uma triste pagina do talento architectonico de quem o fez. Construido em terreno movediço e sem a necessaria fortaleza para, em tão minguada base, sustentar-se, suas paredes racham-se, inclinam-se; as cimalthas desabam; a cumieira, quasi sempre reparada, e sempre pedindo reparos, range; as portadas de pedra retalham-se, e as aguas da chuva, mal encaminhadas, resvalam pelos paredões interiores.

E' bem possivel que um dia, e não longe,—pois o edificio da Praça do Commercio, seu visinho, tem, e muito, cooperado para lhe abreviar a queda—verifha por terra aquelle caixão com todas as suas paredes, que parecem feitas de papel e gomma arabica.

Appellamos para o Governo.

Uma vistoria, feita por entendidos, custaria sómente algum dinheiro e não a muitas familias a vida de seus chefes.

Não nos dirigimos ao Sr. Dr. Betim, director d'essa repartição, porque entendemos do nosso dever não perturbar, a quem, como S. S. tanto tem feito a bem do movimento postal do nosso paiz. E' preciso que S. S. descance! Já não é pouco.

ALGUMAS DEFINIÇÕES

Luxu.—A mão do rico.

Mio.—O lenço do pobre.

Janella.—Pretexto para esburacar uma casa nova.

Outra: Estação telegraphica do amor.

Flores.—Alphabeto de nomes dos românticos.

Claque.—Na opinião dos chapéus é um prato; na opinião dos pratos é um chapéu.

Musica.—Barulho sob medida.
Economia.—Meio de enferrujar o suor do rosto.
Decote.—Expediente de que usam as mulheres para provarem que descendem de Eva.
Collar.—Baraço de ouro com que se enforcam as bolsas dos maridos.
Plaquê.—Prova de que—nem tudo o que luz é ouro.
Brilhante.—Estrella falsificada.
Ladrão.—Socio de industria, cuja firma não gyra.
Lingua.—Trapo de carne.
Nariz.—O limpa-trilhos da cara.
Anginhos.—Vomitivo applicado aos dedos.
Coração.—Alienado sentimental.
Razão.—Vigia do coração.
Recitativo.—Cemiterio da poesia.
Lua.—A lamparina dos lyricos.
Apito.—Signal que se dá á policia para ir deitar-se.
Atheismo.—Capa com que cobrimos as nossas crenças religiosas.
Medicina.—Sciencia do assassinato.
Carcere.—Jaula de homens.
Tinteiro.—Abysmo de trevas, de que se tira a luz.
Telhado.—Guarda chuva das casas.
Guarda chuva.—Telhado ambulante, que se abre e fecha á vontade. Outra : Utensilio para evitar o sol.
Guarda sol.—Traste para evitar a chuva.
Pedante.—Princez desmascarado.
Suicida.—Actor que, tendo se perdido em scena, se recolhe aos bastidores antes do signal do contra-regra.
Pégaso.—O unico cavallo que um lord inglez excentrico poderia deshabituar de comer.
Camélia.—Rosa que se esqueceu do cheiro.
Pançadaria.—Musica de páu.
Costume.—Habito composto de calças, collete e paletot.
Namoro.—Kerosene inexplosivo.
Calembou'g.—Sopro equívoco do espirito.
Dentista.—Sujeito que come com os dentes... dos outros.
Sermão.—Narcótico sagrado.
Senado.—Muscu de archeologia.
Camara dos deputados.—Viveiro de papagaios, dos quaes nem todos foram mettidos no póte.
Macaco.—Homem feito ás pressas.
Carmin.—Peje de toilette.
Arsenico.—Droga venenosa, que nem todos os actores sabem tomar.

FREI ANTONIO.

QUANDOQUE BONUS...

O artigo de fundo d'O Paiz, de hontem, começa por esta fórma:

« Parecem estar doudejanter de delirio jubiloso *todos aquelles* (SE ACASO SÃO MAIS DE UM) *que* perseguidos pelo clamor publico, depois de apanhados em flagrante, conseguiram esconder-se na sombra da devesa obscura, por onde se enfiaram tontos e arfando de cansaço, etc... »

Para fallar com franqueza devemos dizer que houve ali um cochillo de primeira qualidade. Pois poderia dar-se jámais o caso de « todos aquelles que perseguidos, etc., conseguiram escon-

der-se, não serem *mais de um*? Cremos que dois, já não dizem *todos*—são forçosamente—mais de um.

Tambem os principes cochilam! Fragilidade do homem!

BOLOS

A bôa justiça começa por casa.

Venha a bolos o sympathico autor da secção *Poesia e Poetas* do nosso n. 4.

Vem a bolos o illustre escriptor por se não haver referido nem ao cidadão Castro Urso, nem ao vate Martins Guimarães, nem ao hardo Nunes Garcia, quando no passado numero d'A *Semana* disse :

« Não ha um só *d'estes moços* que não se sinta com aptidões muito accentuadas para extravasar no verso todo o abundante afflux subjectivo que lhe enche a alma. »

Se o nosso honrado collega se houvesse referido directamente áquelles cidadãos tão insignes quão vates, tão bardos quão immortaes, já a nossa cruel inimiga *A Folha Nova* nada teria de que se rir, pois ficariam glorificados os seus mais assiduos collaboradores pela penna elegante do critico das *Illuminuras*. Mas assim não fez. e a *Folha Nova* ficou com aquella cara de tola que Deus lhe deu, a procurar na escuridão do cerebro quaes os moços a que se referia o critico,

Alli é que foi a scena! Nas trevas daquelle espirito nem um vislumbre clareava um recanto.

Tacteando, trepidante e incerta, braçava no vacuo inutilmente, e quando já se propunha a abandonar a tarefa ingrata, esbarrou com um vulto formidando, que descobriu depois, pelo aspecto hirsuto, ser o senhor Luiz de Castro.

—Mas este, exclamou, não póde ser *d'estes moços* que se sentem... afflux subjectivo etc. etc...

E como não era o Sr. Castro, a *Folha Nova* levou o dedo indicador estendido ao labio inferior, ergueu os olhos ao ceu e lá se ficou a meditar, a meditar... sobre quaes seriam os moços das aptidões etc. etc.

Anda em maré de felicidade para nos apanhar em erro o periodico dos guarda-livros.

Bem diz o dictado

—« Quanto mais *Folha Nova*—mais peixe. »

*

— Venha tambem a bolos o *seu Leite*—*subdeleguê* que presidiu o spectaculo na noite do beneficio de Mlle. Suzanne.

Não se faça de tolo; estenda a mão e chuche.

Por ser a primeira vez, sómente seis bolinhos.

Porque queria você, *seu Leite*, que na opereta, ou cousa que o valha, *Corte na Roça*, não se tocasse o fadinho?

Você com certeza tinha. N'essa noite, macaquinhos na cabeça! Que immoralidade ha n'um fadinho, *seu Leite*? Que é que você achou na musica, ou nos actores?

Não gosta do requebro?

Tem horror ao sapateado?

Isso não póde ser. Se assim fosse com certeza deveria você ter prohibido o fado, e principalmente o can-can do *Nhô-Quim*... e no emtanto tal prohibição jámais foi feita.

Felizmente, *seu Leite*, o povo que tambem tem sua palmatoria, pediu o fado, bisou-o. e você ficou com uma cara... Santa Maria! eu não queria tel-a!

Agora que estão dados os bolinhos, tome este conselho que é de mestre: A vara da subdelegacia não é de marmello, nem de *camarão*; se fosse, você poderia fazer *pendant* com certo personagem dos nossos tempos coloniaes; mas não sendo, não se metta em funduras; mande á fava as suas exigencias e, em vez de prohibir o fadinho, caia n'elle quando ouvil-o tocar.

E' muito melhor. Palavra!

CHICO FÉRULA.

IN HER BOOK

Ella andou por aqui ; andou. Primeiro, Porque ha traços de suas mãos ; segundo, Porque ninguem como ella tem no mundo Este exquisito, este suave cheiro.

Livro, de beijos meus ten rosto inundo, Porque dormiste sob o travesseiro, Em que ella dorme o seu dormir, ligeiro Como um somno de estrella em cên profundo.

Trouxeste della o olor de uma caçoula, A luz que canta, a mansidão da rola E este estranho mexer de ethereos ninhos ;

Rufos de azas, amóras dos silvedos, Frescuras d'agua, sombras e arvoredos Dando séca aos rosas pelos caminhos...

LUÍZ DELFINO.

Mattos, Malta ou Matta?

NOVAS REVELAÇÕES

QUARTA CARTA

Sr. redactor.—Recebi a sua estimavel cartinha, na qual declara V. S. os justos motivos pelos quaes não deu publicidade ás ultimas communições que lhe fiz, reservando-as para mais tarde, visto que não seria de bom aviso, expol-as tão precipitadamente.

Verdade é que taes revelações, tanto podiam apparecer agora, como mais tarde, encarando-as pelo lado do interesse que ellas tenham por ventura n'esta questão.

Entretanto vou proseguir, tomando o fio das revelações justamente no ponto em que as deixámos.

Quando sali da casa de Jeannite, isto é: dous dias e meio depois de ter entrado, já o meu homem, segundo o que dissera aquella, devia estar recolhido á casa de detenção.

A franceza deu me uma photographia d'elle, um retrato que o tratante havia tres mezes antes tirado em casa do Emilio Rouede, quando esse pintor de marinhas ainda se dava a trabalhos photographicos.

Esse retrato estava em tudo de accordo com as informações que eu conseguira apanhar a respeito do Castro Matta.

Senhor de mais esse bello auxilio, dirigi-me para a casa de correcção, onde felizmente tenho nada menos do que tres amigos; pedi-lhes noticias do Matta e um d'elles me respondeu que o meu homem havia seguido na vespera para a Santa Casa de Misericordia.

— Para a Santa Casa ? perguntei sorprezo.

— Sim; disse me o amigo. Foi tratar-se de uma congestão hepatica.

— Mas, como assim ? tornei a perguntar. Elle parecia vender saude e, segundo o que acabou de dizer aquelle senhor (aponte para um outro dos amigos), o homem foi preso por ter sido pilhado a fazer desordens na praça da Constituição.

— Esse ponto agora é que eu não lhe posso esclarecer, voltou o meu informante. Apenas lhe digo que o Castro Matta não é lá grande coisa debaixo do ponto de vista da seriedade e da boa conducta.

O meu amigo e informante gostava em extremo de armar a phrase com uma certa pompa de linguagem; sinto até não poder reproduzi-las mais fielmente, porque algumas dellas são bem boas.

Mas não é d'isso que se trata agora, e não podemos perder tempo com semelhante coisa.

— Então o sujeito, o tal Matta, é homem de máos costumes, hein? perguntei ao amigo.

— Chi! fez elle—nem lhe digo nada! Sem ir muito longe, ainda na vespera da desordem que elle fez na praça da Constituição, foi visto a passear em Nictheroy com uma sujeita da vida airada, uma sujeitinha vestida de preto e com um grande chapéu de palha, que lhe escondia quasi todo o rosto.

Imagine, Sr. Redactor, a impressão que estas palavras me causaram, a mim que reconheci naquelle vestido preto e naquelle chapéu de palha a mulher a quem para sempre havia ligado meu nome e meu futuro.

Mal sabia eu quando te comprava na *Noire Dame*, pobre chapéu de palha! que terias occasião de entrar tão directamente nas minhas dores e nos meus sobressaltos de marido atraído!

Desconsolado, afflicto e naturalmente com uma cara d'asno, ia a deixar a Detenção para tomar o caminho da Santa Casa da Misericordia, quando um dos meus tres amigos, chamou-me de parte e disse-me:

— Tu me mereces toda a confiança e vou fallar-te com franqueza. O Malta...

— Malta ou Matta?

— O Malta,—sustentou elle,—o Castro Malta.

— Mas não é o Malta que eu procuro, é o Matta.

— E' tudo uma e a mesma cousa. Digo-te mais: o sujeito não é só Matta e Malta, é tambem Mattos.

— Hein?

— E' c que te digo. O velhaco usa e abusa d'esses tres appellidos, conforme a situação e conforme o plano de suas velhiacadas. E' Malta quando quer comprar a credito qualquer cousa; é Mattos quando se mette em desordens e arruaças e só é Matta nas aventuras amorosas.

— Então é o mesmo, disse eu. — E' justamente por causa de uma questão amorosa que eu ando em busca do trahente.

— Aposto que se trata de Jeannite!

— Da Jeannite? Uma franceza, de cabellos loiros?

— Isso! E' a amante d'elle.

— D'elle quem?

— I-o Matta, Malta ou Mattos.

— Que me dizes, homem?

— Pois não. Olha, vou mostrar-te uma carta que ainda hoje ella me escreveu.

E o meu amigo, tirando do bolso uma folha de papel, marca pequena, leu pouco mais ou menos o seguinte, entre outras cousas, ás quaes não prestei a mesma attenção:

« Aquelle miseravel pagou-me tudo, vinguei-me d'elle; (O miseravel era o Matta) logo que tive as provas da sua traição, procurei o marido da mulher com quem elle me trahia, obriguei-o a vir á minha casa, prendi-o, fingi-me apaixonado por elle e vinguei-me durante sessenta horas.»

Eu soltei um suspiro; — que me estaria ainda reservado?!

O amigo, depois de guardar a carta accrescentou:

— Foi ella, a Jeannite quem arranhou a prisão do maroto...

— Pois a Jeannite tem essa influencia na policia?

— Então não sabes do que ha, homem de Deus?

Eu confessei que não sabia, e o amigo passou então a fazer-me a delicada revelação que na minha ultima carta expuz a V. S. e que V. S. resolveu guardar para mais tarde.

— Mas enfim,—disse eu ao meu obsequioso informante—disscste que ias me fallar com franqueza a respeito do tal Matta e ainda não declaraste o que é feito d'elle.

— O que é feito d'elle? Eis justamente o que te vou dizer em confiança...

E, depois de observar se não nos esautavam:

— O Malta não foi para a Misericordia!

— Não foi? Mas então onde está elle?

— Está aqui, escondido. Temos ordem superior para não consentir que elle se communique com pessoa nenhuma e para declarar que elle foi para a Misericordia. Amanhã has de ver isso justamente nas notas policiaes.

— De sorte que o homem está aqui? perguntei ainda.

— Está, disse o amigo—E estará por muito tempo!

— E a mulher com quem o viram a passear em Nictheroy? Sabes por ventura me dizer que fim levou?

— Tambem cá está e tem de responder a processo por crime de roubo.

— Roubo?! E presa?! Oh!

— Admiras-te de que?!

— Desgraçado! essa mulher é minha...

— Tua, que?

— ... esposa!

— Oh! Desculpa! Eu não sabia...

— E é permitido ir ter com ella?

— Pois não. Acompanha-me.

E dizendo isto, o meu amigo tomou a direcção do logar onde se achavam os presos. Acompanhei-o.

Ao chegarmos á cellula em que se achava a amante do Malta, senti que o suor me cahia em bagos pela frente; uma vertigem me escondeu por instantes a luz dos olhos, quiz avançar e as pernas afrouxaram-se-me a tal ponto que o amigo, apanhou-me nos seus braços e exclamou:

— Então, fulano! Que é isso? nada de fraquezas! Sê homem, meu amigo!

Eu concentrei todas as minhas forças e respondi:

— Estou ás tuas ordens! Vamos!

O amigo empurrou a porta e eu soltei um grito de surpresa e de indignação.

Imagine V. S. quem havia eu de encontrar alli, em vez de minha mulher, como esperava? Imagine quem, Sr. redactor:—minha sogra!

Sou de V. S.

Att°. cr°. e ven°°.

...

FACTO GRAVE

Em o nosso 3° numero demos sob toda a reserva, uma noticia com esse titulo. Tratava-se de um facto gravissimo. Nada menos do que uma certa mãe desnaturada, que conservava uma filhinha de 5 a 6 annos enclausurada em um quarto escuro, mal alimentada e maltratada. Pedimos auxilio á policia. Intimados os pais da creança a apresental-a na policia, compareceram, levando em sua companhia uma menina magra, pallida, doentia. Não se verificando porém signaes de sevcias e sendo difficillimo averiguar-se a verdade, porque a unica testemunha de vista, uma preta alugada na casa, fugio della, não se sabendo onde pára actualment, ficou a policia impossibilitada de proseguir.

Em todo caso acreditamos que cessará inteiramente tamanha deshumanidade. O susto porque passou a descaroadã mãe deve-lhe ter tirado a vontade de maltratar a sua pobre filhinha.

Entretanto, nós cá ficamos alerta.

POESIA E POETAS

Versos em abundancia.

A febre de produção poetica e igual a um abcesso. Se vem a furo, o doente publica as suas elocubrações metrificadas para regalo d'esta prosaica humanidade: se o abcesso se resolve, com emplastos de bom senso applicados á nuca do estro em ebullição, o poeta guarda na gaveta as illusões da mocidade e passa á vida pratica com armas e bagagens.

Nada menos de quatro folhetos com versos temos sobre a mesa:—*Versos sem rima*, por João Tertuliano Ferreira Magalhães—*Flores de Baependy*, por José Divino—*Traços azuis*, por Virgilio Varzea e *As Obscuras*, por Felix Antonio de Almeida.

×

Comecemos pelas *Flores de Baependy*. Serve de paronympho ao novel bardo o Dr. Antonio C. C. Viriato Catão, o qual depois de afirmar que o seu affilhado terá no futuro um nome glorioso no Parnazo Nacional, diz que—*o amor materno deu-lhe inspiração feliz!*

Esta é original, não ha duvida. Um poeta-mãe é cousa inda não vista em ambos os hemispherios. Devemos presumir que o illusterrimo prefacista se refira ao connubio da Musa com o Vate, o qual vate, depois de fecundado, *deu á luz* cousas d'este feitio:

« Descambava o sol sereno, agonizante,
Frouxos raios despedindo tristemente;
E a terra se cobria de negrôr,
Repousando langorosa, docemente.

As quebradas das collinas repetiam
O cadente soluçar d'Ave-Maria;
A natura reclinava mollemente,
Fervorosa, uma oração a Deus erguia.

E a lua soerguia, sobranceira,
O espaço azul cortando, senhoril,
Offuscando com seu brilho deslumbrante
As estrellas que fugiam mil e mil. »

Admiravel descripção do crepusculo, nunca suggerida á imaginação dos mais sublimes cantores dos phenomenos da natureza!

Realmente, um pôr de sol coincidindo com o nascer deslumbrante do plenilunio... e as estrellas fugindo mil e mil, ás horas da Ave-Maria, qual bando de morcegos luminosos voltando ao campario da immensidade—tudo isso é de uma novidade encantadora no genero pouco explorado da poesia astronomica.

Acceite os nossos parabens o poeta Divino (José). Si não fosse o receio de incorrer n'um trocadilho *ad hoc*, que poderia ser levado á conta de troça, exclamaríamos ardorosamente:—Eia! Trabalha, ó Divino (poeta)! A estrada da Gloria tem urzes, mas a meta é luminosa! Eia! sú! Coragem! Um, dois, tres, avançar!

Muitos poetas de pé quebrado têm galgado o cimo do Parnaso, desbravando a unhas e dentes as asperezas da encosta sagrada. Porque motivo, pois, serás repellido, tu, ó Divino, cuja futura imaginação e espontaneidade original já se nos revelam no seguinte

IMPROVISO:

« Donzella, em prova do amor
que entre nós cresce como a flôr,

gentil ornato de um vergel;
por Deus te peço, oh! virgem bella,
que tu me des logo á janella,
de teus cabellos um annel.»

E' pouco, r as é borr.

Si Gonçalves Dias, ao encetar a sua carreira poetica, fizesse um improviso como este, certamente os malevolos susurrariam não ser elle da sua lavra.

De Baependy conheciamos apenas o conde e o fumo.

Agora, com as odoríferas flores do Divino (poeta), Baependy pode orgulhar-se de haver concorrido á civilização dos povos com o seu contingente de cigarros, fidalgos e cantores.

UDO.

ANNUNCIOS ESPECIAES

Aluga-se um creado mudo, para recados. E' discreto e não namora as creadas dos visinhos.

Para informações no becco dos Afflitos n. 1 Z.

Aluga-se um excellente assumpto para recitativos. Está em muito bom uso. Não se faz questão das rimas. E' primo-irmão do *Noivado do sepulchro* e parece-se muito, embora seja de melhor qualidade, com o *Quero fugir-te, mas não posso, ó virgem!*

Para informar — a *Musa do povo*, no escriptorio do *Jornal do Commercio*.

Aluga-se para suicidios um magnifico revolver de seis tiros. E' de borracha e serve tambem de cigarreira.

Na rua dos Felizes, 80 X.

Aluga-se um nariz de boas dimensões e com grande pratica de cheirar. E' muito proprio para estar á porta de uma loja de rapê, annunciando. Tambem serve para o serviço da Camara Municipal. Se algum fiscal ou tabaquista o pretender, dirija-se ao *Cheira-Cheira*, folhetinista do *Jornal do Commercio*.

Precisa-se de um imbecil para casar com uma joven de 60 annos e 120 contos de dote. E' viuva e ainda tem mãe. Mas é bonita. Não importa que o pretendente seja mais ou menos Abelardo. Quem desejar, deixe carta na redacção da *Gazeta da Noite* com as iniciaes X. P. T. O.

Precisa-se de um pretexto razoavel para um suicidio. O infeliz que fez este annuncio já alugou para isso uma barca Ferry, comprou alguns numeros da *Folha Nova*, tomou uma assignatura dos bonds para *Ouro Mundo* e casou-se ha oito dias com uma menina que tem mãe. Não ha meio portante de escapar á morte. Mas falta-lhe um pretexto decente e razoavel para suicidar-se. Paga-o-ha com generosidade, dando a sogra—de quebra, a quem lh'o fornecer. Cartas n'esta redacção com as iniciaes A. B. C.

Precisa-se de um homem morigerado, de meia idade, solteiro e que não soffra de tenia, para desfazer o fatidico numero trese á mesa de uma familia ho nesta. Alem de um bom ordenado, dá-se-lhe o direito de servir-se de arroz, agua e palitos. Na rua de tal, numero tantos.

THEATROS

A empresa da actriz Apollonia, do theatro Lucinda, deu-nos no dia 27 a *Casta Suzana*, comedia em tres actos de E. Grangé e Bernard, traducção do actor Moniz.

E' o que se chama uma comedia *baixa*:

mas tem graça, boas situações e bons ditos.

Não daremos conta do enredo, porque o publico tem obrigação de ir vê-la, não só para se deliciar com as boas pilherias, como para proteger a empresa, que é de uma actriz brasileira, digna a todos os respeitos da consideração publica. Diremos sómente que o papel de Suzana é desempenhado por Apollonia, que, quanto não esteja bem acomodada na pelle de uma gallinheira, satisfaz perfeitamente as exigencias da platea. O actor Ferreira tem um dos seus meliores papeis, pelo menos um dos mais affeioados á sua aptidão, no estroina Luiz Barrillon, que desempenhou com muita vivacidade, como convinha ao seu typo. Moniz fez um optimo dentista, e conseguiu arranjar uma cara de sujeito que vê as horas no *cuco* da sala. Corrêa deu notavel relevo ao Polycarpo Brochard, successivamente lacaio, copeiro e bombeiro. Ali está como de um máu cantor se pôde extrahir um bom actor. Deixe-se pois de cantigas e continue a dar-nos Polycarpus e Edmundos.

A senhora Balsemão fazia limpamente o seu papel de Eudoxia, mas só o fez na primeira representação, sendo agora substituida pela senhora Fanny. O velho Simões fez um magnifico Chamoiseau, sustentando com muita graça o seu typo de gallinheiro apaixonado.

Os outros artistas secundaram regularmente os principaes, podendo notar-se uma certa affinação que já se notava na *Sogra...nem pintada!*

Caprichoso e esquisitorio como é o nosso publico, não podemos ajuizar da carreira da *Casta Suzana*; todavia, pelos applausos prolongados da primeira noite, cremos que se demorará ainda em scena por muito tempo.

Esta empresa prepara para depois do carnaval uma bella comedia de Sardou e outras de varios auctores.

*

*

O Recreio tem continuado com as *Tres mulheres para um marido*, enquanto não nos dá *As meninas Godin*, comedia em 3 actos, que nos dizem ser lindissima.

*

*

O Sant'Anna tem dado o *Barba azul*, o *Boccacio*, de que celebrou o *centenario*, como elles dizem na geringonça de bastidores, e outras peças já vistas e já vellias.

Felizmente a *Cocota* virá á scena qualquer dia, asacudir-nos d'esta apathia e faz-nos gozar sensações novas.

*

*

A companhia Musella devia dar hontem a primeira da *Yone*, drama lyrico de Petrella, no Polytheama.

*

*

A empresa do Recreio vae representar brevemente uma comedia, em verso em um acto, do nosso companheiro o Sr. Alfredo de Souza, idtitulada *Por causa do Gran Galeoto*.

Esteve primorosa a festa ha dias realisada no *Imperial Lyceu de Artes e Officios*, pela illustre *S. Propagadora das Bellas Artes*, á frente da qual se acha o nobre cavalheiro Sr. Bittencourt da Silva.

A festa consistiu na distribuição dos premios aos alumnos e alumnas do mesmo *Lyceu*, a qual durou até ás 11 horas da noute. Apenas finda, começou o esplendido concerto musical e cantante.

As dansas prolongaram-se até á madrugada.

Esta sociedade tem-se esforçado o

mais possivel para agradar a todos, e tem-n'o conseguido porque não ha ninguem que não reconheça na *S. Propagadora das Bellas Artes*, uma excellente instituição, que grandes e muitos serviços tem prestado á instrucção da infancia pobre.

Entre as pessoas que mais tem auxiliado o Sr. Bittencourt da Silva, para o alevantamento e prosperidade do *Lyceu de Artes e Officios* é indispensavel não esquecer um outro nome respeitado e sympathico: o Sr. Guilherme Bellegarde.

Parabens a todos e especialmente a Bittencourt da Silva.

A RESPOSTA DO DESTINO

(AO DR. GONZAGA FILHO)

Allucinado fujo e doido corro!
Tudo me assusta e tudo me apavora!
Vejo espectros horriveis hora a hora,
E de ninguem posso esperar socorro!

De nenhum modo penso nem discorro;
A minha face tremula descora;
Transido, a hocca torce-se-me agora;
Ar! mais ar! Luz, mais luz! Eu morro! eu morro!

Ergo-me e tombo! grito e desatino!
Dilacero-me e estorço-me de horror!
Quero agora morrer, quero! Destino!

Mas este respondeu-me: « A's leis do Amor
Faltaste, revoltando-te, mofoino!
Has de viver enquanto exista a Dôr! »

FILINTO D'ALMEIDA.

TRATOS Á BOLA

Sr. *Quidam*, o *escaramaço* (?), pôde vir ou mandar receber o premio que lhe coube. Foi o Sr. o primeiro e unico decifrador exacto.

Em sua carta dá o senhor uma piada na Colmêa de Guarda-Livros desoccupados... queremos dizer *Folha Nova*.

Não seja máu, elles são tão tolinhos e além d'isso, coitados! fogem do *Chiro Férula* como o diabo da cruz e vão bulir com o Murat que é muito capaz de enrolal-os todos nos bigodes. Quando não queira feril-os com a penna.

Não se metta Sr. *Quidam*, o *escaramaço*; limite-se a receber o premio.

São estas as decifrações das charadas: *Rabicho—Papel—Petisquiria*; do logogrifho—*Cantaqallo*; da pergunta—*Lanterna* e da charadinha do Vasques—*Cego*.

Para hoje temos... uma novidade *in primo loco*:

TELEGRAPHICAS

D'esta especie de charadas, invenção de um habilidoso bahiano, daremos uma ligeira explicação, por não ser ainda bastante conhecida. Chamam-se telegraphicas pelo seu laconismo. Supponhamos que ao leitor se apresenta a seguinte:

1—1—1 Jácomo de fructa.

Ao primeiro exame reconhece o leitor que o nome a encontrar é de 3 syllabas e que o conceito é «de fructa».

O processo para decifral-a é este: Dividam-se por traços verticaes as syllabas separando-as, assim:

1—1—1 Já,co/ino/ de fructa.

Agora por sob cada uma das syllabas escreva-se outra syllaba de modo que dêem em cada uma das tres casas substitutivos perfeitos. Unindo-se as tres syllabas sotopostas deve encontrar-se um

outro substantivo que designe cousa pertencente a fructa.

Vejamos:

1-1-1- Já | co | mo |
ca | ro | co | de fructa.

Caroço é a decifração.

Sómente se admittem substantivos para a combinação das syllabas para evitar o inconveniente de mais de uma significação.

Aqui têm os amadores do genero uma telegraphica para decifrar:

1-1-1-Farófa lô-se.

Agora estas:

EM QUADRO

Sendo jogo de rapazes
Adverbio pôde dar;
Tambem pôde ser coqueiro
Que vás na musica achar.

ANTIGAS

Signo — 2
Côr — 2
E' bicho indigno
Devorador!

NOVISSIMAS

1-2—Esta interjeição franceza e este amargo, roda em França.

2-1—Esta parte do toldo aperta e agita.

LOGOGRIPIO

(por syllabas)

A's avessas nos povoados
E' bem facil de encontrar,
E ás direitas n'um verbo
Tambem poderás achar—1

Tira de um'ave metade.
Mas de um'ave brasileira.
Em ti mesmo has de encontrar-a
Isto sem muita canceira—2

Abrahião chegou a ser,
Mathusalem foi alem,
Se chegarmos a LX
Eu serei e tu tambem—2

Insecto de bella côr,
Mas se vae a tudo attento
Não te assustes, meu leitor,
Vaes achal-a n'um momento.

Ao primeiro decifrador exacto um volume da *Casa de Pensão* romance de Aluizio Azevedo, com estampas, ultima novidade litteraria. Ao segundo uma carteira para notas.

D. PASTEL.

N. B. — Tudo quanto diga respeito a esta secção deve ser remetido em carta dirigida ao supra assignado D. Pastel, redactor da mesma.

Por absoluta falta de espaço—o que o leitor pôde avaliar, verificando como sae hoje *A Semana* apertadinho—deixamos de publicar:— « Horas do bom tempo », por Lucio de Mendonça; « Prostituição no Rio de Janeiro », 2º artigo, pelo Dr. H. de Sá; « Recebemos »,—em que se accusa o recebimento de muitas cousas... boas; e outros artigos não menos importantes. Ficam para o n. 6.

Recebemos:

—Um amavel convite do «Club de Botafogo» para a partida concertante e dançante que hoje se effectua nos seus salões.

Obrigadissimos. Lá estaremos.

—Outro gentil convite do «Club do Engenho Velho» para o grande baile á fantasia que vae realizar a 16 de Fevereiro. Vamos preparando desde agora os olhos para os deslumbramentos, a perna para as valsas, o coração para... ai! ai! e a penna para descrever a festa, que lia de ser com certeza admirav l.

CORREIO

EXMA. SRA. D. EMPADINHA.—A senhora é uma mascarada. D. Passel assim que leu a sua carta disse...

... Não se assuste! Não diremos o nome!

Emfim, o máo disfarce nós lhe perdamos, mas as decifrações das charadas erradas isso nunca! nunca! D. Empadinha.

SR. A. F. FURTADO DE MENDONÇA FILHO.—Ouro-Fino. Sua consulta será respondida por carta, com a maxima brevidade.

SR. FRANÇOIS SEILL.—Espere resposta pelo proximo numero d'A *Semana*.

ANNUNCIOS

TISICA PULMONAR HERVA HOMERIANA



Remedio poderoso e eficaz para a cura da **tuberculose pulmonar chronica** e de todas as molestias do pulmão e da garganta. licenciado pelo Ministerio dos Negocios do Imperio e approved por muitos governos e juntas de hygiene da Europa, que fizeram obrigativo o uso da

HERVA HOMERIANA

nos respectivos hospitaes.

E' usado tambem nesta corte, nos hospitaes da Sociedade Portugueza de Beneficencia, da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia, da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, de Marinha e Ordem Terceira de S. Francisco de Paula e na Santa Casa da Misericordia da cidade de Rezende.

Unico agente para o Brazil **CARLOS BERTINI**, com deposito geral á rua do Senado ns. 16, 18 e 18 A.

Vende-se tambem nas principaes drogarias e pharmacias da corte e das provincias.

119

RUA SETE DE SETEMBRO CASA DO AYRES

Os proprietarios d'este estabelecimento aannunciam os seus freguezes e ao respeitavel publico que mudaram-se da rua do Carmo n. 22, para á rua Sete de Setembro n. 119, aonde esperam merecer a mesma protecção que sempre lhes dispensaram, continuando a vender suas fazendas por preços baratissimos.

Chitas francezas, metro 200 rs.
Oxford encorpado, metro 200 rs.
Saias de chita, uma 1\$500.
Ditas de popeline de seda, uma 3\$000.
Grande quantidade de lã e seda para vestidos, metro 500, 600 e 800 rs.
Brim branco de linho trançado, para calça, metro 1\$500.
Dito de côres, metro 600 rs.
Cassinetas enfeitadas, para roupa de homens e meninos, metro 2\$000.
Merinós pretos superiores, metro 1\$ 1\$500, 2\$ e 2\$400.
Ditos de côres, grande sortimento, metro 1\$800.

Damasse branco, superior, metro 900 e 1\$000.

Setinetas lisas e lavradas, metro 800 rs.
Setim listrado, alta novidade, metro 1\$800.

Percalines, alta novidade, metro 700 rs.
Percalines e chitas em cretonne, metro 400 e 480 rs.

Lãs e seda, novidade, metro 1\$0 0.
Fustão branco de cordão, metro 700 e 900 rs.

Cretonne francez, para lençoes, metro 800, 1\$, 1\$200 e 1\$450.

Filó muito largo, para cortinados, metro 2\$800.

Crochet para cortinas e cortinados 1\$ e 2\$000.

Velludinho de todas as côres, metro 2\$000.

Peças de musselina branca, a 4\$000.
Nanzouk muito fino, metro 800, 900 e 1\$200.

Morins e algodões

Peças de morim, a 1\$000.
Ditas de cambrinha, a 1\$500.

Morim encorpado de 40 jardas, por 10\$000.

Dito especial para camisas, peças com 30 metros a 4\$500, 5\$, 6\$ e 7\$000.

Dito trançado superior, peça com 20 metros, a 11\$000.

Dito fino especial, peça 8\$000.
Peças de algodão, a 1\$200, 1\$800, 2\$, 2\$400 e 3\$000.

Algodão enfeitado para lençoes, peça 5\$, 7\$, 8\$500 e 9\$500.

Dito trançado para toalhas, metro 1\$.

Atoalhado para mesa, metro 1\$400 e 1\$900.

Dito de linho branco e de côres, metro a 2\$800.

Colchas brancas acolelhoadas, a 7\$ e 8\$000.

Ditas; brancas e de côres, com franjas, a 3\$, 4\$ e 5\$500.

Guardanapos grandes, duzia 7\$ e 9\$.

Meias para homens, ditas para senhora, ditos para meninas e meninos, grande quantidade.

Lenços de linho de todos os preços.

Camisas de linho para homens, caixa com meia duzia, a 9\$ e 25\$000.

Enxovaes para baptisados, a 9\$, 12\$, 15\$ e 20 000.

N 119

RUA SETE DE SETEMBRO

ENTRE A RUA DA URUGAYANA E TRAVESSA DE S. FRANCISCO DE PAULA

Martins Teziera & C.

ALBUM DE DANSA

No Imperial Estabelecimento de Planos e Musicas de Buschmann & Guimarães encontram-se as seguintes novidades:

POLKAS — « Dudú » por Quirino R. Vieira.
 » « Teus olhos me matam » » » » »
 » « Radiante » » Francisca Gonzaga.
 » « Si fuera verdad ! » » » »

QUADRILHAS — « Harmonias brasileiras » por Quirino R. Vieira.
 » « Arcadia » » Franc. Gonzaga.
 » « Stella » » Frederico Mallo.
 VALSAS — « Perola » » Geraldo Ribeiro.
 » « Comme je t'aime ! » » Olivier.

52 RUA DOS OURIVES 52

AU GRAND DINER DE RIO
A LA CHAUMIÈRE — Rua da Uruguayana n. 61

ENTRE OUVIDOR E ROSARIO

Das 9 da manhã ao meio dia. ALMOÇO: tres pratos escolhidos na lista, arroz, queijo, fructa, meia garrafa de vinho e café ou chá, 1\$. Das 3 horas da tarde ás 8 da noite, JANTAR: sopa, quatro pratos, arroz, doce, queijo, fructa, meia garrafa de vinho, café e cognac, 1\$500. — Soupers à la carte jusqu'à 1 henre de la nuit. — Cozinha Francaza, Italiana e Portugueza. — Ceias pela lista até á 1 hora da noite.

EXTERNATO HEWITT
 INSTRUÇÃO SECUNDARIA COMMERCIAL
134 RUA DO ROSARIO 134

AO SAPATO IBERICO
EUZEBIO LOURENÇO
153 Rua Sete de Setembro 153
 EM FRENTE Á TRAVESSA DE S. FRANCISCO DE PAULA
 Calçado sobre medida, para homens, senhoras e crianças.
 Especialidade em calçados de setim, velludo, etc., etc., saltos á Luiz XV.
 Encarrega-se de mandar bordar qualquer calçado a onro.
 Aprompta com brevidade calçado para casamentos, bailes, theatros, etc., etc.

TINTURARIA DO PAVÃO
 A VAPOR
Soares & Ferreira
 Neste bem montado estabelecimento, tingem-se, limpam-se e concerta-se toda e qualquer roupa de homem, bem como tingem-se fazendas de lã, seda, linho, algodão, fitas, chapéus, chales, etc.
TIRA-SE MOFO DAS FAZENDAS — TINGE-SE EM 24 HORAS PARA LUTO
 Lava-se, tingem-se e enforma-se chapéus de homem.
 Temos machinismos para trabalhar tão perfeitos como as melhores fabricas na Europa. Superiores tintas para escrever.
149 Rua Sete de Setembro 149

CHAPELARIA DE LONDRES
 CASA DE PRIMEIRA ORDEM
 Recebe por todos os paquetes o que ha de novidade em chapéus das principaes fabricas de Paris, Londres e Hamburgo.
 Offerece grandes vantagens em preços porque recebe todo o seu sortimento directamente
J. C. M. GUIMARÃES JUNIOR
82 Rua Sete de Setembro 82

LIMÕES DE BORRACHA
 JÁ PROMPTOS
 com tres côres, é só encher, vende-se a 4\$000 a grossa (12 duzias)
10 RUA DA IMPERATRIZ 10
 Bazar Santa Rita

Hotel Primeiro de Março
 Almoço. 500 rs. | Jantar. 500 rs.
 Recebe pensionistas e fornece comida para fóra, com asseio e promptidão, por preços razoaveis
Rua Primeiro de Março n. 6, sobrado

35\$000!!!
 um sublime terno de finissimo panno SEDAN, sendo croisé, calça e collete, forrado de merinó setim, fita larga e caseado á franceza. obra de verdadeiro luxo!!!
Só na casa do Silva
5 RUA DA URUGUAYANA 5

OFFICINA A VAPOR
 DE
CARPINTEIRO, TORNEIRO E RECORTADOR
89 Rua Sete de Setembro 89

A'S SENHORAS ECONOMICAS
 Sapatos de duraque preto, biqueira de verniz, solla forte, ns. 32, 33, 34 e 35, a 3\$ o par; ditos de pellica, com chapa, da mesma numerção, a 4\$500; horzeguins de chagrin, solla forte, para senhora, 5\$; botinas de verniz, encouraçadas, para criança, 2\$ o par; assim como temos mais diversos calçados para homens, senhoras, meninas e meninos, que separamos do balção para torrar por qualquer preço; no grande armazem do Azevedo, na rua dos Andradas n. 23, em frente ao largo do Rosario antigo da Sé).

GRANDE EMPREZA DE MUDANÇAS PELAS CARROÇAS DE MOLAS
 Alugam-se carroças para transporte de moveis, moveis, mobílias finas, espelhos, marmores, louça e tudo o mais pertencente a uma casa de familia, tanto para a côrte, como para suburbios e Nictheroy, por preços mais baratos do que em outra parte. *Tem carrões especiaes para transporte de pianos.*
JACINTHO GOMES
40 RUA DE LUIZ DE CAMÕES 40
 (ANTIGA DA LAMPADOSA)

12\$000
 cada caixa com meia duzia de superiores ceroulas francezas, de linha alvejado, para homens, é fazenda que em geral custa 20\$000.
39 RUA SETE DE SETEMBRO 39

RHEUMATISMO
 Xarope anti-rheumatico vegetal de A. P. Guimarães, approvado pela Junta de Hygiene. Poderoso medicamento na cura do rheumatismo agydo ou chronico.
 Vende-se na **Rua Primeiro de Março n. 90**, canto da dos Pescadores.

4\$000
 uma duzia de toalhas de felpo, chinezas; não ha muitas, aproveitem porque as pechinchas não duram sempre.
Casa do Silva
5 RUA DA URUGUAYANA 5

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).